



Data: 16.05.2020

Título: UM EMPURRÃO PARA O FUTURO

Pub: **Expresso** **ECONOMIA**

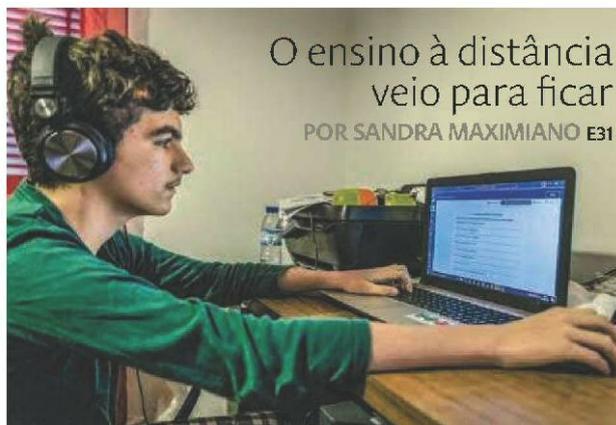


Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;31

OPINIÃO



O ensino à distância
veio para ficar

POR SANDRA MAXIMIANO E31

Área: 411cm²/ 15%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6841101



A Economia Somos Nós

Sandra Maximiano
 economia@expresso.impresa.pt

UM EMPURRÃO PARA O FUTURO



O ensino à distância veio para ficar FOTO EDUARDO COSTA /LUSA

Durante a última década, muitas universidades europeias e americanas incluíram o ensino à distância na sua oferta de licenciaturas e mestrados, atraindo mais alunos estrangeiros

Tendo já uma classe docente que aprendeu rápido e bem a usar as plataformas digitais de ensino, as universidades não devem colocar na prateleira todo este esforço e conhecimento adquirido

N um destes dias, enquanto dava início a uma aula à distância, para alunos do Instituto Superior de Economia e Gestão, da Universidade de Lisboa, lembrei-me de um episódio passado em 1999, no tempo em que dei as minhas primeiras aulas, na altura, na Universidade Católica de Lisboa. Estávamos em época de exames, no final do ano letivo. Os alunos que entravam na sala em 'modo praia', de calções e chinelos, eram chamados à atenção pelos docentes. Aquela forma de vestir não se adequava com o momento 'solene' de uma avaliação de conhecimentos académica. Apesar do tom de brincadeira do reparo, transmitia-se uma norma social, através de uma breve humilhação pública que culminava com a típica gargalhada de grupo.

A covid-19 obrigou ao confinamento, à distância social e, inerentemente, às aulas *online*. Hoje, o máximo que se vê de um aluno é o seu rosto através

de uma plataforma digital, pelo que a indumentária está longe de ser objeto relevante. No atual momento, a preocupação dos docentes é garantir que as avaliações sejam feitas de forma eficiente, eficaz e justa. A ferramenta de vigilância típica e artesanal, ou seja, as voltas circulares dos professores na sala de exame que munidos de um olhar atento apanham cábulas e partilha de informação entre alunos, não está agora disponível. É preciso implementar rapidamente alternativas, e não duvido que os docentes portugueses o farão com a mesma eficácia com que implementaram as aulas à distância.

O ensino à distância estava ainda longe de ser largamente adotado em Portugal. No entanto, independentemente da covid-19, durante a última década, muitas universidades europeias e americanas incluíram o ensino à distância na sua oferta de licenciaturas e mestrados. Desta forma, conseguiram atrair mais alunos estrangeiros, que por razões familiares e/ou financeiras estavam impossibilitados de frequentar o curso presencial. A pandemia permitiu, a este nível, uma aproximação a outros países, mas estamos ainda em desvantagem. Não tivemos tempo algum para testar procedimentos e plataformas, e nem para contratar recursos humanos especializados, mas, mesmo assim, conseguimos em poucas semanas mobilizar os docentes portugueses, de diferentes faixas etárias, para um sistema de ensino que muitos até repudiavam.

Implementar um programa de ensino à distância implica mais do que simplesmente transmitir digitalmente conteúdos que estavam preparados para serem apresentados em sala de aula. É

preciso repensar os métodos, a forma de participação dos alunos, e sobretudo a avaliação. Tudo isto leva tempo. Por exemplo, na Universidade de Purdue, nos Estados Unidos, onde lecionei durante nove anos, demorámos mais de dois na construção e implementação de um novo mestrado *online*, que envolveu também o recurso a empresas que prestam serviços especializados de vigilância virtual.

A vigilância de provas à distância usa plataformas como o Examity ou ProctorU, que são serviços que fazem uso da *webcam* e de vigilantes humanos especificamente treinados e certificados para a função, assim como serviços automatizados como o Proctortrack ou algoritmos de deteção de plágio como o Turnitin. Estas empresas criaram novas oportunidades de emprego e experienciaram um crescimento exponencial. A Examity, por exemplo, tinha cerca de 10 vigilantes *online* em 2014, algumas centenas em 2015, e agora mais de mil. A empresa já realizou mais de 2 milhões de exames para o ensino superior, muitos dos quais para cursos presenciais, que adotaram estas plataformas como forma de otimizar os recursos internos da universidade.

Certamente que o ensino presencial irá regressar e velhas rotinas serão retomadas. Muitos serão os docentes que voltarão aos métodos mais tradicionais, mas muitos serão também aqueles que irão incorporar as plataformas e ferramentas do ensino à distância no ensino presencial, otimizando a aprendizagem de conhecimentos e os recursos. Mais, tendo já uma classe docente que aprendeu rápido e bem a usar as plataformas digitais de ensino e que está neste momento a desenhar e implementar uma avaliação credível *online*, as universidades não devem colocar na prateleira todo este esforço e conhecimento adquirido. É certo que a pandemia afetará negativamente a procura de cursos, sobretudo de mestrados. Muitos alunos, por razões financeiras não se matricularão, outros, os alunos estrangeiros, deixarão de vir por restrições à mobilidade ou por receio. A possibilidade de oferecer programas *online* deve ser considerada não apenas como um penso rápido a usar em caso de necessidade extrema, mas como uma vitamina de força e dinamismo para a modernização e sustentabilidade do sector.

Economista, professora do ISEG,
Universidade de Lisboa

